



# ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM AOS FAMILIARES DO PACIENTE COM ESPECTRO AUTISTA

## nursing care for family members of patients on the autism spectrum

João Lucas da Silva<sup>1</sup>

Andréia Caron<sup>2</sup>

Flávia Cristina Pertinhes Franco<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Discente do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru

<sup>2</sup>Orientadora e Docente do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru

<sup>3</sup>Coorientadora e Docente do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru

### Resumo

**Palavras-Chave:** Autismo; Assistência a família; Assistência de enfermagem; enfermeiro.

O autismo é conceituado como um Transtorno do Espectro Autista (TEA), é estabelecido como uma anomalia de comportamento no qual se desenvolve a dificuldade ou ausência do desenvolvimento motor e psiconeurológico o que impossibilita os pensamentos e a interação da criança e seus familiares com a sociedade. Ele está relacionado ao desenvolvimento físico e psíquico com início precoce, onde sua maior prevalência em meninos. Este estudo tem como objetivo demonstrar os critérios e a importância do cuidado de enfermagem, para a família do paciente com TEA. Este estudo é baseado em uma literatura do tipo narrativa no qual ocorre a sistematização de pesquisas e evidências, conduzindo as informações para contextualizar sobre o tema abordado, promovendo conhecimentos e soluções propostas, foram utilizadas buscas em bases de dados científicos, reconhecidos nas áreas de pesquisas em saúde dos últimos dez anos, entre 2014 a 2024, com dados de bases em português e disponível para estudo como: BVS Biblioteca Virtual em Saúde, SciELO–Scientific Electronic Library Online e Google Acadêmico. O enfermeiro, é integrante fundamental da equipe multiprofissional envolvida na assistência a família e a criança com TEA, exerce um papel fundamental na avaliação, identificando seus sinais e sintomas reconhecidos nas primeiras

consultas de enfermagem. A equipe multidisciplinar é responsável pelo acolhimento, preparação e tratamento da criança com TEA. Dessa forma, o estudo em questão é fundamental para aprofundar o conhecimento sobre o autismo e assistência adequada de enfermagem auxiliando a família e o paciente.

### **Abstract**

Autism is conceptualized as an Autism Spectrum Disorder (ASD). It is established as a behavioral anomaly in which difficulty or absence of motor and psychoneurological development develops, making it impossible for children and their families to think and interact with society. It is related to physical and psychological development with an early onset, where it is more prevalent in boys. This study aims to demonstrate the criteria and importance of nursing care for the family of a patient with ASD. This study is based on a narrative type of literature in which research and evidence is systematized, leading to information to contextualize the topic addressed, promoting knowledge and proposed solutions, searches were used in scientific databases, recognized in the areas of health research in the last ten years, between 2014 and 2024, with data from bases in Portuguese and available for study such as: BVS Virtual Health Library, SciELO-Scientific Electronic Library Online and Google Scholar. The nurse is a fundamental member of the multi-professional team involved in assisting the family and the child with ASD, playing a key role in the assessment, identifying their signs and symptoms recognized in the first nursing consultations. The multidisciplinary team is responsible for welcoming, preparing and treating children with ASD. In this way, the study in question is fundamental to deepening knowledge about autism and appropriate nursing care to help the family and the patient.

**Keywords:** Autism; Family care; Nursing care; Nursing.

### **Introdução**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica de origem biológica que afeta o desenvolvimento, manifestando-se por alterações em duas áreas principais: dificuldades na comunicação e na interação social, além de padrões de comportamentos repetitivos e restritos, sendo mais comum em meninos, o TEA é considerado um espectro, pois existem variações nas características apresentadas pelos indivíduos afetados, que podem possuir diferentes habilidades e dificuldades em relação à comunicação, interação social e comportamentos (Gomes *et al.*, 2014).

As causas para o autismo ainda não são totalmente esclarecidas, mas diversas pesquisas sugerem que sua origem pode estar associada a anomalias em áreas específicas do cérebro que ainda não foram determinadas de maneira

conclusiva. É provável que fatores genéticos e ambientais, como algumas infecções e a administração de certos medicamentos durante a gravidez, contribuam para o desenvolvimento do TEA, estima-se que entre 50% e 90% dos casos tenham um componente hereditário. O TEA é diagnosticado apenas de forma clínica, pois, até o momento, não existem exames laboratoriais ou de imagem que consigam identificar sua manifestação (Dartora; Mendieta; Frachini,2014).

Sua etiologia ainda é desconhecida, entretanto, a tendência atual é considerá-la como uma síndrome de origem multicausal envolvendo fatores genéticos, neurológicos e sociais da criança, onde os sinais e sintomas geralmente são reconhecidos pelos pais. Os sintomas apresentam uma intensidade variável, em geral têm início antes dos três anos de idade, fazendo com que a criança portadora de TEA apresente uma patologia singular, que se manifesta em dificuldades e prejuízos na comunicação verbal e não verbal, na interação social e na limitação de seus interesses (Pinto *et al.*, 2016).

As crianças enfrentam desafios ao se adaptar a novos ambientes e demonstrar interesse em objetos inanimados, comportamentos diferentes como agitação, falta de foco, atitudes agressivas e problemas de aprendizagem induzidos podem se manifestar, influenciados pelo ambiente familiar ou social. A alfabetização é bem mais possível do que muitos pensam e a escola desempenha um papel fundamental na socialização e estímulo da criança (Vilar *et al.*, 2019).

Outra subcategoria, relacionada com essa dificuldade, é representada pelo desenvolvimento lento, isso ocorre porque muitas famílias quando recebem o diagnóstico ficam desanimadas, o que acaba atrapalhando o desenvolvimento do tratamento. Os Enfermeiros demonstram preocupação em manter a assistência através do fortalecimento de parentes e cuidadores, manter os pais orientados é uma função muito importante para o desenvolvimento e sucesso da melhora da criança (Jerônimo *et al.*, 2023).

O adoecimento causa diversas alterações e mudanças na vida da criança e seus familiares, essas mudanças causam um impacto na vida da família que são muito difíceis de serem enfrentados, envolvem alterações na dinâmica e nas relações

familiares, interação social com amigos, sobrecarga do cuidado, conflitos conjugais e isolamento social, esse processo exige uma alteração e mudanças na rotina de vida pessoal da família e da criança. Durante o processo de descoberta do diagnóstico a família tem dificuldades em aceitar os comportamentos incomuns que a criança apresenta, fazendo que procurem acessar diversos serviços de assistência à saúde, vários tipos de especialista, para tentar reprimir esse sentimento de frustração (Bonfim *et al.*, 2020)

As terapias convencionais ajudam muito, mas além delas tem técnicas complementares que aumenta e melhora da qualidade de vida com maiores chances de um prognóstico positivo para o paciente autista, fazendo com que sua autonomia aumente, mas sem tirar a sua essência, para que isso aconteça a enfermagem tem que estar bem-preparada e assim possa tratar de forma correta tanto o paciente, quanto o auxílio aos familiares (Viana *et al.*, 2020).

Com a reforma psiquiátrica brasileira, tiveram a criação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), para pessoas com graves problemas mentais, trocando as internações, que tinha como princípios a exclusão social e paradigmas manicomial, para virar um local que o convívio social e a inclusão eram os novos objetivos propostos. O tipo de CAPS mais utilizados pelos pacientes autistas é o Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), esse centro é especializado para crianças e adolescentes que sofrem um grande sofrimento psíquico, uma enorme dificuldade de se envolver com a sociedade, tornando crianças totalmente estressadas, com vários tipos de crise, podendo se machucar ou machucarem os que estão a sua volta. Mas mesmo parecendo só uma criança/ adolescente com uma enfermidade elas merecem todo apoio e um tratamento digno (Franzoi *et al.*, 2016).

A equipe de enfermagem desencadeia uma função fundamental nos cuidados do paciente com transtorno psicótico. A aplicação de uma abordagem apropriada no atendimento da enfermagem nos pacientes com TEA é de extrema importância para aceitação e adesão do paciente e dos familiares, sendo essencial seguir alguns critérios como oferecer um bom acolhimento, praticar uma escuta atenta e qualificada, focar na emoção da pessoa, manter um tom de voz calmo e estável sem

mudanças bruscas, um ambiente tranquilo e seguro, observação contínua, orientar a família depois do pós alta para que tenha continuidade no tratamento (Santos *et al.*, 2024).

A criança com autismo, dentro do contexto da educação inclusiva, requer apoio e estímulo constantes, especialmente no ambiente escolar. Conforme estabelecido na Lei Berenice Piana de nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, o artigo 3º, inciso IV, assegura que as pessoas com transtorno do espectro autista têm o direito à educação e ao ensino profissionalizante. Aqueles que estão inseridos em classes regulares têm direito a um acompanhante especializado (Sousa *et al.*, 2018).

As famílias enfrentam muitos desafios e obstáculos relacionados ao cuidado e atenção proporcionados pelos profissionais da enfermagem, por muitas vezes não terem um bom preparo, não terem uma boa informação, nem uma boa comunicação entre a equipe de enfermagem com a família e uma grande falta de apoio após o diagnóstico (Bonfim *et al.*, 2023).

O aumento do número de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista, justifica o estudo em questão, considerando a importância para o conhecimento e orientação da equipe multidisciplinar e evolução da criança. Diante desse aumento observa-se a necessidade da realização desse estudo sobre os cuidados para com crianças autistas em período ou momento de doença.

Desse modo podemos avaliar como as famílias dos pacientes com TEA estão sendo auxiliadas pelas equipes multiprofissionais, se a abordagem e os cuidados prestados na assistência de enfermagem estão sendo adequados, mostrando a empatia e o cuidado a esse tipo de paciente que necessita de cuidados diferenciado.

Este estudo tem como objetivo demonstrar a importância do cuidado de enfermagem a família do paciente com TEA e concentra se, na necessidade de explorar como a equipe de enfermagem, está capacitada para o atendimento a família do paciente.

## **Método**

Este estudo é baseado em uma revisão de literatura do tipo narrativa, no qual a revisão da literatura é uma base teórica que a usada para abordar o tema e a

questão de evidências e pesquisa, conduzindo as informações para contextualizar sobre o tema abordado com objetivo a análise da literatura, onde o pesquisador vai decidir quais artigos ou informações são as mais importantes promovendo conhecimentos e soluções das propostas (Mattos, 2015).

Foram explorados artigos científicos publicados em revistas eletrônicas, páginas online que acercam o tema desenvolvido. A pesquisa foi realizada através das bases de dados eletrônicas: BVS Biblioteca Virtual em Saúde, SciELO – Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha) e Google Acadêmico.

Os descritores utilizados foram: autismo, assistência a família, assistência de enfermagem e enfermeiro os descritores foram combinados entre si por meio dos operadores booleanos “AND” e “OR”.

Para o critério de inclusão, considerou-se os artigos que contemplam o tema cuidados da enfermagem com a família do paciente com espectro autista, publicados de 2014 a 2024, no idioma português. Com critério de exclusão, considerou-se artigos publicados antes de 2014, com outros idiomas e os que não condizem com a temática abordada neste trabalho.

A seleção de artigos completou inicialmente 17.600. Após aplicados os critérios de inclusão, foram excluídos 9.260 artigos por não completavam o período da pesquisa e foram excluídos 9.230 que não complementam o tem central, restando 30 artigos compatíveis com os critérios e objetivos desse trabalho.

## **Desenvolvimento**

O TEA é uma doença que necessita de mais estudos, embora ela seja atualmente o foco da comunidade científica, existe a necessidade de complementar, e por isso os profissionais precisam ser qualificados, portanto os familiares precisam estar envolvidos, o enfermeiro precisa ser especializado e capacitado para realizar a detecção precoce do autismo, como forma de prestar uma assistência de enfermagem adequada, tanto para que o paciente receba o melhor tratamento, quanto os familiares

recebam todos os treinamentos necessários para cuidar desse tipo de paciente que vai precisar de muita atenção e cuidado( Martha; Thelma, 2014).

Caparroz e Sodeira. (2022) e Figueiredo, Rangel e Lima (2020), o autismo atinge a área social, onde a criança não interpreta relacionamentos sociais e tem dificuldade de interagir com o outro e isso pode ocorrer em vários níveis de gravidade, as condutas mais comuns a serem observados são as que a criança fica num canto em um ambiente social, se balança e produz sons estranhos e não interage mais com ninguém. No entanto é possível existir traços mais sutis do autismo que enganam com o decorrer do tempo, são vistos como esquisitos ou estranhos que passam despercebidos. Certos pais têm dificuldades em aceitar o diagnóstico, eles buscam diferentes médicos na esperança de obter outra avaliação ou opiniões mais favoráveis, essa busca não só gera um desgaste adicional na família, como também retarda o tratamento adequado para a criança. Nos casos mais leves do TEA, é comum que alguns pais e até profissionais confundam ou ignorem os sintomas, justificando-os como características da personalidade da criança.

Figueiredo, Rangel e Lima (2020) também relatam que além dos sinais típicos do autismo, é possível que a criança ou adolescente também apresente outras condições associadas, como epilepsia, deficiência intelectual, transtornos de ansiedade, depressão, déficit de atenção e hiperatividade, entre outros, além de enfrentar toda a complexidade que vem com o autismo. Isso impacta nos membros da família, que acabam vivendo em função dessa realidade, resultando em um certo nível de estresse. Os pais, sem dúvida são afetados e eles precisam reconsiderar e adaptar seus papéis dentro da dinâmica familiar.

Já Minatel e Matsukura (2014) relata que durante a etapa escolar, os comportamentos estereotipados tornam-se mais pronunciados, sendo um período de grande pressão, especialmente devido às comparações que os pais fazem entre o comportamento de seus filhos e o de crianças com desenvolvimento típico, embora esses pais possam sentir essa situação de maneira intensa, é importante reconhecer que as dificuldades enfrentadas também podem ser atribuídas, e talvez principalmente, ao fato de que tais comportamentos exigem vigilância contínua. Isso leva os cuidadores a “decifrarem” as vontades e os motivos que causam as crises, além de,

possivelmente, obrigá-los a planejar com antecedência e a buscar incessantemente de condições que previnam a perda de controle do filho.

Um fator adicional que aponta Ribas e Alves (2020), é a complicação, assistência de enfermagem à criança autista e a falta de instrumentos eficientes para diagnosticar os sinais precoces do TEA. No nosso país, influencia muito na dificuldade diagnóstica do transtorno, portanto é evidente que esse elemento é crucial, uma vez que, através desses instrumentos muitas crianças poderiam ser tratadas previamente, prevenindo um aumento das manifestações clínicas do transtorno. Sendo assim, é recomendado que estudos sejam realizados para que haja instrumentos específicos para esse rastreio, a fim de evitar o diagnóstico tardio do transtorno. Diante disso, é o papel tanto do enfermeiro quanto da equipe multiprofissional, dar uma assistência de melhor qualidade, pois cuidar de uma pessoa com TEA é um desafio enorme para os profissionais de saúde, principalmente para o enfermeiro, que possui função primordial tanto no atendimento quanto na instrução à família e ao paciente, visando melhorar a qualidade de vida deles (Neves *et al.*, 2020).

Segundo Feifer *et al.* (2020) e Fontineli *et al.* (2021), são cruciais obter um diagnóstico preciso para um bom início de plano educacional, visando aprimorar o bem-estar do paciente, de sua família, contribuindo para a superação dos desafios enfrentados. O diagnóstico deve ser precoce e o tratamento específico para cada indivíduo, obrigatoriamente os distúrbios devem se manifestar nos primeiros três anos de vida, nas áreas de interação social, comunicação e interesses restritos, além de alteração nos padrões de comportamento. Ao ser identificado em uma criança, pode despertar na família uma gama de emoções, que vão desde a aceitação ou desafio gratificante até sentimentos de preocupação, sofrimento, negação, sensação de impotência e perspectiva de desafios futuros, no entanto, a forma como esses sentimentos se manifesta, isso desperta de acordo com a intensidade do autismo e o nível de conhecimento da família sobre o transtorno.

Zanon, Backes e Bosa (2014), relatam que da mesma forma que o progresso acadêmico é essencial para o sucesso na convivência em comunidade, a detecção precoce dos indícios e manifestações do TEA também desempenha um papel crucial no desenvolvimento de competências, no entanto, de acordo com as



narrativas, obter esse diagnóstico de forma precoce é desafiador, exigindo uma investigação mais detalhada e especializada, com profissionais capacitados. Também um outro obstáculo, é a falta de protocolos detalhados sobre a rede de atenção psicossocial, os quais indicariam os serviços de apoio, as dificuldades enfrentadas ao procurar por um diagnóstico precoce e quando é necessário contar com a ajuda de outros profissionais da área.

Os enfermeiros possuem um conhecimento limitado sobre o assunto, a falta de qualificação acadêmica e a escassez de recursos destinados à educação contínua, são fatores que influenciam nos desafios encontrados. Tendo a fim de não negligenciar ou responsabilizar outras categorias profissionais, a preparação do enfermeiro torna-se indispensável. Vários fatores podem atrasar a intervenção, como é o caso da demora na identificação das primeiras dificuldades das crianças, na procura da assistência profissional e na realização do diagnóstico. De fato, algumas pesquisas têm mostrado que as crianças com TEA, tendem a não ser diagnosticadas com menos de 5 anos de idade (Nascimento *et al.*, 2018)

Sousa *et al.* (2018) refere que na necessidade de suporte e cuidados para crianças autistas, os profissionais de enfermagem possuem conhecimento prático e científico suficientes para ajudar essas crianças a se tornarem indivíduos ativos na construção de suas vidas e na busca por independência, já Nunes *et al.*, 2020 descreve que profissionais de enfermagem enfrentam grandes desafios ao identificar precocemente os sinais e sintomas do TEA, sendo sua principal dificuldade o desconhecimento sobre o assunto. Essa falta de conhecimento é resultado de uma formação acadêmica insuficiente e da falta de investimento em capacitação contínua, o que acaba dificultando a identificação de crianças com autismo. Por tanto é muito importante e necessário que o preparo dos enfermeiros torne se indispensável.

Fernandes, Gallete e Garcia (2018) descreve que a equipe multidisciplinar mínima para avaliação do TEA é composta: médico (psiquiatria ou neurologia), psicólogo e fonoaudiólogo que devem ser capacitados clinicamente para realizar o diagnóstico. Cada profissional irá realizar a observação dentro da sua respectiva área caracterizando o diagnóstico diferencial, no entanto o desenvolvimento e crescimento infantil devem ser monitorado e avaliado regularmente, seguindo o calendário do

Ministério da Saúde, as avaliações devem ser feitas de maneira progressiva e contínua, intercaladas, com a presença de um médico, estabelecendo uma estratégia de atendimento de qualidade para seus pacientes e famílias.

Sousa *et al.* (2018) estabelece que uma conexão entre o profissional, a criança e sua família são essenciais, isso proporciona segurança tanto para o paciente, quanto para os pais, que passam a participar ativamente do tratamento. Promover atividades que incentivem a interação familiar, como jogos e danças, favorecerá as relações sociais. Para alcançar esses objetivos, é vital realizar novos estudos e pesquisas que ampliem a perspectiva clínica na assistência de enfermagem e de outros profissionais envolvidos.

Para Feifer *et al.* (2020) e Caparroz e Soldeira (2022), os diagnósticos (NANDA) e intervenções (NIC) de enfermagem, contribuem para a realização de uma assistência de enfermagem a partir de métodos sistemáticos, contribuindo para oferecer ao paciente o melhor cuidado possível. O processo de enfermagem se desenvolve a partir da investigação, diagnóstico, planejamento, implementação da assistência de enfermagem e avaliação. Os diagnósticos são orientados pelas características definidoras e elementos associados. Sendo algumas: comunicação prejudicada; agitação e mudanças na resposta usual aos estímulos; desconforto em situações sociais; ações repetitivas; comportamento que não é aceito pelo grupo cultural dominante; procurar ficar sozinho; e incapacidade de realizar atividades de autocuidado e autocontrole inadequado para a idade.

Desse modo Magalhães *et al.* (2022), acredita que o enfermeiro desempenha uma função crucial no cuidado, realizando ações sistemáticas, completas e personalizadas, baseadas na interpretação dos diagnósticos e das intervenções de enfermagem, o que contribui para a organização do cuidado, garantindo elementos de qualidade, segurança e eficácia, essas condições favorecem a melhoria do processo de trabalho e proporcionam resultados mais eficazes na área da saúde.

Juntamente com Nunes *et al.* (2020) e Nascimento *et al.* (2018), os sintomas relacionados podem ser identificados no transtorno do espectro autista, incluindo entre outros, irritabilidade, hiperatividade e comportamentos agressivos, brincar de forma

diferente, dificuldade em compartilhar brinquedos, dificuldades no sono e na amamentação. Essas observações podem ser confirmadas por meio da observação direta durante a consulta de enfermagem, nesse contexto, a profissional monitora o peso, altura, amamentação, alimentação, aparição de comportamentos inusitados, além de avaliar se as crianças conseguem sentar-se sem suporte, manter a cabeça erguida no tempo adequado, se percebem as pessoas ao seu redor e fazem contato visual, também se emitem sons e conseguem transferir objetos de uma mão para a outra.

Para Viana *et al.* (2020) e Araujo *et al.* (2022), a abordagem multiprofissional para o tratamento do TEA envolve cuidados de várias áreas da saúde, incluindo o tratamento farmacológico tradicional. Os medicamentos utilizados no tratamento visam tratar os sintomas de agitação psicomotora e irritabilidade, são eles: o aripiprazol e a risperidona. As práticas complementares, além do uso desses medicamentos, promovem a integração dos pacientes, resultando em progressos nas respostas motoras e comportamentais. A realização de exercícios físicos é crucial para o desenvolvimento físico de todas as crianças, e nas crianças com autismo, desempenha um papel crucial no tratamento desses pequenos, são indicadas, pois ajudam no aperfeiçoamento das habilidades importantes e que podem ser afetadas pela disfunção causada pelo transtorno.

Araujo *et al.* (2022) e Abreu *et al.* (2016), a aplicação de teorias, como a da Dorothea Orem pode contribuir a assistência de enfermagem, esta teoria é segmentada em quatro grupos: autocuidado, déficit de autocuidado e autocuidado insuficiente e sistemas de assistência à saúde. A autoproteção é essencial para realização ou execução de tarefas práticas dos indivíduos, com o objetivo de preservar a vida e a saúde e da qualidade de vida. Entretanto vários estudos indicam que os pais podem aprender e aplicar procedimentos e técnicas comportamentais, resultando em benefícios para seus filhos. Pais de crianças com autismo têm a capacidade de impactar grandemente no desenvolvimento de seus filhos, já que estão mais próximos deles que os educadores ou clínicos, mesmo quando as crianças estão inscritas em programas de intervenção comportamental intensiva precoce.

Para Araujo *et al.* (2022) e Shirlaine e Pereira (2022), um dos objetivos da Estratégia de Saúde da família (ESF) é o acompanhamento infantil em crianças, no processo de acompanhamento do crescimento e desenvolvimento, o enfermeiro é responsável avaliar e detectar quaisquer sinais de anormalidade para diagnóstico precoce, principalmente ao TEA, bem como prestar apoio aos familiares da criança. Após o diagnóstico, o enfermeiro pode trabalhar na psicoeducação da família, acompanhar visitas repetidas e se necessário, encaminhar para outras especialidades, portanto, é crucial entender a estrutura da rede e os elementos essenciais, para um monitoramento eficaz. Um exemplo disso são os Núcleos de Apoio à Saúde e a Família (NASF), reconhecidos por terem uma equipe multidisciplinar para apoiar os profissionais das Equipes de Saúde da Família.

### **Conclusão**

O presente estudo revela a importância do enfermeiro e da equipe multidisciplinar na assistência a família e ao paciente com TEA, no descobrimento precoce do transtorno do espectro autista, para construir a uma assistência de qualidade para a criança. O autismo é uma síndrome incurável, portanto necessita do familiar juntamente com a equipe de saúde para conduzir o tratamento.

O enfermeiro deve estar apto para reconhecer e lidar com sinais e sintomas apresentados pela criança e entender a melhor terapia para o tratamento.

A partir do estudo foi possível compreender a importância da assistência de enfermagem a família das crianças com TEA. O enfermeiro é o profissional da saúde mais próximo do familiar e do autista, dando-lhe orientação, confiança, apoio, segurança e esclarecimento de dúvidas dos pais, assim melhorando o desempenho do infante na sociedade. Sugere-se, a realização de mais estudos atualizados no país envolvendo o assunto, visto que a literatura brasileira é escassa. O conhecimento sobre essa patologia evita o tratamento tardio, auxilia no benefício para a criança e seus entes o que gera satisfação para o profissional de enfermagem.

### **Referências**

ABREU, A. *et al.* Treinamento de pais e autismo: uma revisão de literatura. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro/ RJ v. 21. n. 1. p 007-022, 2016. Disponível em:

[http://revista.cienciasecognicao.org/index.php/cec/article/view/1038/pdf\\_67](http://revista.cienciasecognicao.org/index.php/cec/article/view/1038/pdf_67). Acesso em: 25 set.2024.

ARAÚJO, S. H. et al. Atuação multiprofissional ao manejo do transtorno do espectro autista. Contemporânea –Revista de Ética e Filosofia Política, v.2, n.3, p. 942- 966, 2022. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/215/149>. Acesso em: 20 set.2024.

BONFIM, A.T. *et al.* Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional. **Rev.Latino-Am.Enfermagem**,Ribeirão Preto/SP. v. 31, e3780, 2023. DOI 10.1590/1518-8345.5694.378.Disponível em <https://www.scielo.br/j/rlae/a/Q6SDP4CQrBqfHRLj4yQzQML/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 abr.2024.

BONFIM, A, T. *et al.* Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar.**Rev Bras Enferm**, Brasília/DF v. 73, e20190489, 2020. DOI 10.1590/0034-7167-2019-0489. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/cpkwQJQP8kccvs8zN4LgHCH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2024.

CAPARROZ, J ; SOLDEIRA, S. E. P. Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares. **Open Minds International Journal**, São Paulo/ SP vol. 3, n. 1: p. 33-44. 2022. Disponível em: <https://openminds.emnuvens.com.br/openminds/article/view/142/117>. Acesso em: 19 set 2024.

DARTORA, D. D.; MENDIETA, C. M; FRANCHINI, B. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas/ RS, v.4, n.1, p. 27-38, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/4304/3506>. Acesso em: 3 set 2024.

FEIFER, P. G. *et al.* Cuidados de enfermagem a pessoa com transtorno do espectro autista: revisão literatura. **Rev. UNINGÁ**, Maringá/ PR v. 57, n. 3, p. 60-70,2020. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/2968/2230>. Acesso em: 15 de ago. 2024.

FERNANDES, F. F. A; GALLETE, C. G. K; GARCIA, D. C. Importância do cuidado da enfermagem diante do paciente com espectro autista. **Revista Terra & Cultura: Cadernos De Ensino E Pesquisa**. Londrina/ PR v. 33, n. 65, 2018. Disponível em: <http://publicacoes.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/89/83>. Acesso em: 7 de set. 2024.

FIGUEIREDO, L. S; RAGEL, S. M. J ; LIMA,F. C. N. M. O diagnóstico do transtorno do espectro autista e suas implicações na vivência da família. **Revista Amazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**, Humaitá/AM v. XXV, número 2, pág.93-107, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/7765/5452>. Acesso em: 19 set. 2024.

FONTINELI, S, A. *et al.* Olhar do enfermeiro na assistência de enfermagem do paciente autista e sua família. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista/SP v. 10, n, 14, e246101420229, 2021. DOI 10.33448/rsd-v10i14.202291. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20229/19558>. Acesso em: 15 de ago.

FRANZOI, M. A. H. *et al.* Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. **Texto contexto- enferm**, v. 25, e1020015, 2016. DOI 10.1590/0104-070720160001020015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XYSRFmZdj4CKVpyfv87QcHn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 abr. 2024.

GOMES, P. T. M. *et. al.* Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **J. Pediatr**, Rio de Janeiro, v. 91, n. 2, p. 111–121, mar/ 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/wKsNY3ngvLDcRZ5bxWCn47v/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2024.

JERÔNIMO, M. V. C. *et. al* Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Acta Paul Enferm**, Santo Andre/SP, v.36, eAPE030832, 2023. DOI 10.37689/acta-ape/2023AO030832. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/3KwWvQnjR76F3Ddwm53BVRm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2024.

NASCIMENTO, L. M. C. Y. *et al.* Transtorno do Espectro Autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família. **Rev baiana enferm**, Salvador/ BA v. 32, e25425, 2018. DOI 10.18471/rbe.v32.25425. Disponível em: <https://www.revenf.bvs.br/pdf/rbaen/v32/1984-0446-rbaen-32-e25425.pdf> Acesso em 19 de set 2024.

NUNES, A. K. A. *et al.* Assistência de enfermagem à criança com autismo. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista/SP, v.9, n.11, e86991110114, 2020. DOI 10.33448/rsd-v9i11.10114. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10114/9435>. Acesso em: 30 maio 2024.

NEVES, K. Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para assistência de Enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. e941986742, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8.6742. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6742/6039>. Acesso em: 23 out. 2024.

MAGALHÃES, M. J. *et al.* Diagnostico e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado. **Rev baiana**

**enferm**, Salvador/ BA v. 36, e44858, 2022. DOI 10.18471/rbe.v36.44858. Disponível em: <https://www.revenf.bvs.br/pdf/rbaen/v36/2178-8650-rbaen-36-e44858.pdf>.

Acesso em: 7 set 2024.

MARTHA, M. M; THELMA, S. M. Família de crianças e adolescentes com autismo: cotidiano e realidade em diferentes etapas de desenvolvimento. **Rev Ter Ocup Univ**, São Paulo/Sp v. 25, p 126-34, 2014. Disponível em:

<https://core.ac.uk/download/pdf/268317874.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

MATSUKURA, S. T; MINENTEL, M. M. Famílias de crianças e adolescentes com autismo: cotidiano e realidade de cuidados em diferentes etapas do desenvolvimento. **Rev Ter Ocup Univ**, São Paulo/ SP v. 25 n. 2 p. 126-34, 2014.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/65682/88132>. Acesso em: 20 set 2024.

MATTOS, C. P. Tipos de Revisão de Literatura. **Faculdade de Ciências**

**Agronômicas UNEPS Campos de Botucatu**. Botucatu/ SP, 2015. Disponível em:

<https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>. Acesso em 20 set 2024.

PINTO, R. N. M. *et al*. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Rev Gaúcha de enferm**, Paraíba/PB v.37, n.3,e61572,2016.

DOI 10.1590/1983-1447.2016.03.61572. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em:11 mar. 2024.

RIBAS, B, L.; ALVES, M. O cuidado de enfermagem a criança com transtorno do espectro autista: um desafio no cotidiano. **Revista Pró-UniverSUS**, Vassoras /RJ v. 11. n. 1 p. 74-79, 2020. Disponível em:

<http://192.100.251.116/index.php/RPU/article/view/2107/1396>. Acesso em: 25 set.

2024.

SANTOS, N. *et al*. A equipe de enfermagem e o atendimento às emergências psiquiátricas: uma revisão integrativa. **Revista Nursing**, Assis/SP v.27, n 307, p 10055-10061, 2024. Disponível em:

<https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/3157/3848>.

Acesso em: 9 abr.2024.

SHIRLAINE, C, B.; PEREIRA, L, M, T. O enfermeiro nos cuidados do paciente no transtorno do espectro autista infantil na unidade básica de saúde – revisão integra.

**Revista Eletrônica Estácio Recife**, Pernambuco/ RF v. 7 n. 2, 2022. Disponível em:

<https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/613/280>. Acesso em: 25 set 2024

SOUSA, A. S. B. *et al*. Enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar.

**Revista Saúde e Pesquisa**, Maringá/ PR v. 11, n. 1, p. 163-170, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/6033/3174>.

Acesso em: 18 set 2024.

VIANA, A. L. O. *et al.* Práticas complementares ao transtorno do espectro autista infantil. **Enfermagem em foco**, Belém/PA v.11, n.6, p.48-56, 2020. Disponível em: [https://enfermfoco.org/wp-content/uploads/articles\\_xml/2357-707X-enfoco-11-6-0048/2357-707X-enfoco-11-6-0048.pdf](https://enfermfoco.org/wp-content/uploads/articles_xml/2357-707X-enfoco-11-6-0048/2357-707X-enfoco-11-6-0048.pdf). Acesso em: 2 abr. 2024.

VILAR, A. M. A. *et al.* Transtornos autísticos e estratégias promotoras de cuidados: revisão integrativa. **Rev baiana enferm**, Salvador/BA v. 33, e28118, 2019. DOI.10./18471/rbe.v33.28118. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/pdf/rbaen/v33/1984-0446-rbaen-33-e28118.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2024.

ZANON, B, R.; BACKES, B.; BOSA, A, C. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília /DF v. 30 n. 1 p. 25-33, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/9VsxVL3jPDRyZPNmTywqF5F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 set 2024.

NEVES, K. Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para assistência de Enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. e941986742, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8.6742. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6742>. Acesso em: 23 out. 2024.